

## Proposta 40 (Artigo de Opinião)

Foi Fernando Sabino em “Martini seco” (1987) quem propôs a reflexão. “Qual a cor do tabuleiro de damas?”, indagou o escrivão, um dos personagens, após vencer o amigo comissário de polícia numa partida. Seria branco com quadrados pretos ou preto com quadrados brancos? O comissário tentou as duas opções e errou a resposta. Ao fim, o escrivão sentenciou: “É de outra cor, com quadrados pretos e brancos”. A lembrança do episódio literário, que acabou dando nome à autobiografia (“O tabuleiro de damas”, 1999) do escritor mineiro morto há dez anos, emergiu da polêmica da semana nas redes sociais — a essa altura, já enterrada. De que cor seria o vestido da escocesa: branco e dourado ou preto e azul? O tolo questionamento se presta a explicar os dias de hoje, da vida em plebiscito permanente.

Por 24 horas, o mundo virtual se ocupou do enigma. A imagem do vestido foi alvo de dezenas de milhões de visualizações. Jornalistas se ocuparam da pauta. Oftalmologistas, neurocientistas e psicólogos foram convocados a explicar o Fla-Flu da ocasião. Os tensos perderam o sono. Os indiferentes foram dormir. Os debochados fizeram piada. Os ocupados esculhambaram o falso drama. Os radicais desqualificaram a opinião contrária. Sinal dos tempos.

E assim o dilema do vestido virou metáfora dessa época repleta de certezas fugazes, avessa à tolerância. Uma cor é uma cor. E pronto. Sentença emitida, hora da polêmica seguinte. Importa pouco se 10%, um quarto ou dois terços enxergam a peça (ou a vida) em outros tons.

Fernando Sabino, certa vez, explicou assim o diálogo sobre o tabuleiro de damas: “Quis sugerir que, por baixo da realidade que se apresenta aos nossos olhos, existe outra”. Do lado da ciência, o médico Luis Fernando Correia ensinou que a visão humana não é objetiva como parece: “Há mais interpretação que certeza. Cada cérebro interpreta as cores de um jeito próprio. E tudo bem”.

Na ausência dessa compreensão, reside a intolerância despudorada, de cores fortes e sem filtro, das redes sociais, que tanto mal faz ao debate democrático. Facebook e Twitter são torcidas organizadas de times rivais. Não basta torcer pelo próprio clube; é preciso humilhar, destruir os fãs adversários. Em segundo plano fica o esporte, paixão nacional a caminho da vala.

Na política, idem. O mundo virtual se divide entre os que enxergam o Brasil como irremediável fracasso ou sucesso em gestação. É tudo branco ou preto. Não há espaço nem para 50 tons de cinza, para usar a referência cinematográfica da vez, nem para a outra cor de Sabino.

E na agenda dos direitos civis, há quem sobreponha classificação de gênero ao afeto nas relações familiares. Daí o presidente da Câmara dos Deputados desarquivar uma proposta de legislação que limita a homem, mulher e descendentes a definição de família. É mais que diferença de visão, é falta dela.

Na loja virtual da varejista britânica, as vendas do vestido preto e azul quase quadruplicaram com o dilema das cores. A empresa, agora, estuda lançar o modelo branco e dourado. Fica aqui a sugestão que a peça venha também em outra cor, coberta de branco, dourado, preto e azul. Salve o tabuleiro de Sabino!

Sobre visões e tons. **OLIVEIRA, Flávia.** Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/flavia-oliveira/post/sobre-visoes-tons-coluna-1-3-562005.html>>.

Ninguém representa maior ameaça à liberdade do outro do que quem se considera dono da verdade. E a lógica que conduz da certeza inquestionável ao linchamento do discordante é simples: "se eu estou com a verdade e ele discorda de mim é que ele está com a mentira, e não se pode deixar que a mentira prospere". Logo, calar o mentiroso (ou o traidor da verdade) é um bem que se faz à pátria ou à humanidade ou a Deus ou ao partido.

Existem verdades de diferentes pesos e, conforme o peso, mais grave ou menos grave será o erro praticado pelo discordante. Por exemplo, se minha verdade consiste em afirmar que o futebol-arte é melhor que o futebol-força, o máximo que pode resultar disto serão algumas tiradas irônicas mas, se estou convencido de que minha seita é a única que incorpora a verdade do Cristo Salvador, aí o discordante está do lado do Diabo, a encarnação do Mal. (...)

Já escrevi aqui, mais de uma vez, que quem aceita a complexidade do real - do mundo, da vida - não pode ser sectário, não pode ser radical em suas convicções. Noutras palavras, só é sectário - dono da verdade - quem simplifica as coisas, ignora que todo problema contém diversos lados e contradições. Lidar com essa complexidade é, sem dúvida, difícil e desconfortável; muito mais cômodo é afirmar: "aquele sujeito é um imbecil" — em lugar de tentar entender as suas razões. Isto se vê a todo momento, especialmente nas discussões políticas. É a tática de desqualificação do outro. Em lugar de responder a seus argumentos, afirmo que ele é safado, desonesto, mau caráter.

Veja bem, quando digo que se deve ser tolerante e que não existem verdades absolutas, não estou pregando o abandono das convicções firmes e das atitudes éticas. Umas e outras devem ser fruto do conhecimento e da reflexão, os quais nos conduzirão inevitavelmente a reconhecer que a realidade excede nossa capacidade de abrangê-la integralmente. O conhecimento e a reflexão nos conduzem à modéstia e à tolerância. Quando perguntaram a Marx qual a virtude intelectual que mais admirava, ele respondeu: a dúvida.

Raiz da intolerância. **GULLAR, Ferreira.** *Melhores crônicas*. Disponível em: Google Books.

O artigo de Flávia Oliveira e a crônica de Ferreira Gullar traduzem com maestria um quadro que continua sendo pintado, com cores cada vez mais fortes, no Brasil de hoje: o da **intolerância**. Em um contexto de desenvolvimento das mídias digitais, a possibilidade de anonimato e o crescimento de diversas comunidades parecem potencializar esse sentimento de reprovação - que, todos sabemos, não começou na internet.

Levando em consideração as ideias apresentadas, coloque-se na posição de um **articulista** e, utilizando dados, exemplos e diversas outras ferramentas de argumentação, construa um **artigo jornalístico opinativo** para uma série especial sobre a sociedade, publicada em um jornal de grande circulação. Nesse artigo, você, necessariamente, deverá:

- a) apresentar pelo menos um (1) exemplo de intolerância que tenha sido divulgado nas mídias nos últimos meses - diferente dos apresentados nos textos motivadores;
- b) apresentar um título criativo.